

Peter Brook, de «enfant terrible», passou a mestre do Teatro inglês

STAVAMOS no ano de 1946, durante a representação em Stratford-on-Avon da peça de Shakespeare «Penas de Amor Baldadas». Os críticos e o público repararam, e tomaram nota, que havia um realizador genial. A comédia tornou-se pastoral, e a nostalgia da peça tornou-se integralmente transmitida no ambiente. Watelesco, e sobretudo, no zolombanhar a princesa, por toda a parte, por um triste pierrot, de cara pintada como de idade. Peter Brook tinha então 23 anos. Limitava-se a quatro realizações de teatro de Repertório. Três outras para o Teatro de Amor Baldadas «Love's Labour's Lost», foi seguida dum desastrosos fracasso em Stratford e pouco depois tornou-se director de Produção do Teatro de Covent Garden. Nos anos de 1948 e 1949 apresentou cinco óperas, incluindo «Salomé», com cenários e cenários de Salvador Dalí, abandonando depois este teatro, após se ter tornado furiosamente para revolucionar a atitude em relação à ópera. A sua primeira grande obra foi «A Noite dos Reis», ameaçando arrebatar a Tyrone Guthrie o título de enfant terrible do teatro.

tem trabalhado independentemente, embora sob a égide da forte direcção de H. M. Tennent. Movendo-se com extraordinário à vontade do teatro para o cinema e para a televisão, de Shakespeare a Anouilh, de Otway a peças musicais francesas, e de Tennessee Williams à ópera grandiosa, Brook tem-se conservado sempre atento e sempre procurando melhorar a sua arte, através do contraste. É o primeiro a reconhecer que a iniciativa no Covent Garden não teve êxito e que as suas tentativas de reforma foram exageradas, mas insiste em que estas experiências foram valiosas, pois que o ensinaram rapidamente aquilo que podia ter levado muitos anos a aprender, tivesse ele ficado encaixado com Shakespeare.

Depois do grande sucesso com «Penas de Amor Baldadas», tentou repetir a receita com «Romeu e Julieta», mas o resultado foi um fracasso desastroso de excesso de realização. A sua produção Shakespeareana seguinte, que se verificou três anos depois, após a sua experiência com a ópera, foi «Medida por Medida», justamente apelada como constituindo a sua primeira obra madura. Desde então, aprendeu a não fazer nenhuma peça para a ajustar à sua receita, mas a procurar captar a essência e fazer ajustar essa essência à sua própria personalidade.

Esta indústria de ganho, porém, significou que cada uma das suas produções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» mas sem qualquer ligação ou relação com a que a antecedeu, ou com a que lhe vai seguir.

Contrastando esta atitude, com a obra de Joan Littlewood no Teatro-Oficina de East London, onde, durante cinco anos,

(além de outros oito anos na provincia) conservou regularmente uma companhia para um público popular, com peças de Shakespeare e Sean O'Casey, cujas ideias ela iluminou e que iluminaram por sua vez as suas ideias. A sua obra está agora a produzir os seus frutos, no pequeno mas esplêndido grupo de autores agrupados à volta do seu teatro, escrevendo peças, sobre as pessoas vulgares, com emocionante vitalidade, humor e compreensão. As produções de Joan Littlewood, assim como os seus autores, além disso, procuram apresentar com perfeição estas peças.

Peter Brook reconhece que a sua insistência em se permanecer vivo, recusando-se a ficar parado, pode conduzir a certos desperdícios do seu talento. Julga, também, que há ainda tempo para encontrar o seu caminho e depois estabelecer-se. Presentemente, Peter Brook acha-se metido numa actividade, tipicamente estimuladora, qual seja de fazer um filme, extraído da pesada novela de William Golding, «Lord of Flies», que trata da desintegração moral dum grupo de rapazes, lançados por um naufrágio numa ilha. A seguir, irá a Paris para apresentar a extraordinária peça de Genet, «A Varanda». Depois, talvez... em qual tempo futuro, podemos esperar por um teatro de Peter Brook, que dará impulso a um grupo de novos dramaturgos, actores e cenaristas, em benefício dum teatro que infelizmente carece dum tal iniciativa.

TOM MILNE



NO COMBOIO

A Manuel Dinis Jacinto

Castelo de Montemor, ao longe! E eu, qual voluntário monarca, já perto deste Mar extraordinário...

— Adeus, Castelo!

Cá vou, como quem volta e nunca parte! Cá vou, filho do Povo, aprende do cantar dos meus irmãos do Amor e do Belo: — Nevada e Afonso Duarte! — Adeus! Adeus, Castelo!

JOSÉ FERREIRA MONTE

A VELA DE ORFEU

A nas do vento pousa sobre a mão que quia o lemo A vela de Orfeu está eruida frente ao porto A imptidade da luz cega os olhos mas tranqüilo o mar verde vibra cores entre a safira e a esmeralda O templo de Íoão é um topázio reflectido na água marinha onde as algas se distendem e o deus-beize vermelho repousa no fundo dormindo e despertando quando os astros silenciosos caem

Então Orfeu sibila o canto da vida e da morte e a poesia nasce serena para afundar os navegantes da Estrela Polar — Deixa-me passar!

HENRIQUE TAVARES

ACERCA DE UM ONTEM CÃO UMA CARTA... ..OUTRA CARTA

Ex.mo sr. dr. Ramos de Almeida: Costumo ler todas as 5.ª feiras o Suplemento Literário que V. Ex.ª dirige. Li o pseudo-poema «Um Ontem Cão», que esse Suplemento publicou em 29 do mês passado. E no último, li a carta, essa carta infeliz que é sempre o refúgio dos sem razão, albergados nos aparatos duma arte ou dum temperamento artístico, que só eles reconhecem, colocando-se por mero comodismo longe das críticas honestas e equilibradas dos «anti-poetas» ou «anti-vidas»!



PICASSO O HOMEM DO SÉCULO

Pablo Picasso atingiu a glória enquanto vivo. E com Charlot, o indiscutível Homem do Século, aquele que vence e ultrapassa todas as circunstâncias, para se manter imortal e eterno, quando ainda sujeito às limitações da existência humana e social. Picasso transcendeu-se, tornou-se um símbolo e um mito, mas nunca deixou de ser Homem com os pés bem enterrados na realidade do Tempo. A sua inquietação é a angústia, o ceticismo, o poder transfigurador da nossa época. Picasso nunca pára, jamais estaciona ou cristaliza. O seu génio é constante renovação, permanente evolução progressiva. A tela que reproduzimos marca a fase impressionista de Picasso. Foi pintada em 1905 e vendida por uma quantia astronómica, um autêntico «recore», numa exposição recentemente realizada em Londres. «A Bela Holandesa» é o nome da tela; foi a minha admirada entre tantas que figuraram na Exposição. «O nome de Picasso arantuih-ma mais o preço do que o seu real valor», disse um crítico dos mais atrevidos e, talvez, acrescentaremos nós, com uma pontinha de despeito. Seja como for, Picasso atingiu a celestidade dos eleitos. Poucos, muitos poucos, são aqueles homens que podem rozar semelhante prazer ainda em vida.

Antes Plásticas ALMADA NEGREIROS E ANGELO DE SOUSA EXPÕEM NA GALERIA DIVULGAÇÃO

Organizei esta exposição para mostrar ao público do Porto dois pintores. Um tão perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representante vivo. Outro, que, no início de sua carreira, me parece em condições de compreender e seguir o exemplo do primeiro. Além disto provoquei algumas atitudes que merecem ser meditadas. Duas atitudes igualmente lindas. A compreensão da situação, a modestia e a coragem, o sentido da responsabilidade e a confiança em si do outro. Quantos, de entre os que vão visitar a exposição, pensam que a um artista se deve pedir o mesmo comportamento social, que a outro qualquer. Quantos estão dispostos a exigir dos Artistas a mesma modestia na convivência e quantos vão deixar de desculpar alguns, jovens ou não, com o pretexto de que são Artistas. Serão mesmo? O artista moderno terá a mesma formação—que se culpava certas atitudes—que os Românticos?



ALMADA NEGREIROS, GRANDE FIGURA DO MODERNISMO PORTUGUÊS, FALANDO ACERCA DE UM DOS SEUS QUADROS



UMA DAS TELAS DE ALMADA NEGREIROS EXPOSTAS NA GALERIA DIVULGAÇÃO

COMENTÁRIOS À MARGEM

Devem os jovens intelectuais, artistas e escritores portugueses ao «Suplemento Literário» do «Jornal de Notícias», um acolhimento que jamais tiveram em outro qualquer órgão da grande imprensa. Por ser assim mais lamentável se torna a carta de um tal José Carlos Gonzalez publicada no último número do mesmo «Suplemento» em defesa da lindíssima poesia «Um ontem cão», digna de figurar numa antologia da ansira, da cretinice e da petulância. O sr. José Carlos Gonzalez deve ser o próprio poeta, tal o entusiasmo com que se defende, insinua e falsifica. O «Suplemento Literário» limitou-se a transcrever o lindíssimo poema «Um ontem cão». Não fez qualquer crítica, nem aquilo é susceptível de se criticar. Com que direito se vem falar em caldejada crítica onde apenas existiu bom humor. O sr. Gonzalez descobriu desconchavos oriundos duma matriz a todos os títulos pestilenta, agressiva, anti-humana, anti-Vida, em algumas palavras de apresentação do poeta e da sua lindíssima produção, que chega para invergonhar uma geração inteira. Ficou zangado sobretudo porque teve medo do polícia de giro ou do enfermeiro. Foi apenas uma imagem literária, embora bastante concreta, que irritou o sr. Gonzalez, até porque se ele não é o autor do poema e, pelo menos, o homem da trouxa ou do trouxa que venho defender o homem. «Um ontem cão» não representa nada... absolutamente nada, na cultura portuguesa. Obra de um Dalí de pacotilha, só serve para semear a confusão e o descrédito acerca da poesia moderna. Essa fase já passou. Colaboradores circunstanciais das tribunas jovens do «Suplemento Literário» do «Jornal de Notícias», era a nós que nos competia fazer estes comentários. Não vale a pena gastar mais palavras com «Um ontem cão».

CARLOS ALBERTO, HENRIQUE SANTOS, FERNANDO AUGUSTO, CARLOS MARVÃO, JÚLIO BARREIROS.

NOTÍCIAS DO BRASIL

Tem constituído um grande sucesso artístico e um inextinguível êxito social a Exposição de quadros do grande pintor Cândido Portinari (da que há, em Portugal, nos Museus de Arte Contemporânea em Lisboa, no de Soares dos Reis, no Porto e no de Grão Vasco em Viseu, quadros oferecidos pelo dr. Assis Chateaubriand). Críticos e visitantes que têm afluído à Galeria Wildenstein em grande número são unânimes em considerar o artista como um dos maiores do nosso tempo. Algumas opiniões sobre a obra do pintor: No «Herald Tribune», em crónica ilustrada com a reprodução da tela «The Wild Beasts», Emily Genauer aponta Portinari como exemplo de que os motivos sociais podem inspirar belas pinturas. Depois de chamá-lo de «o poeta dos pobres», lamenta que um pintor como Portinari, com sua fama internacional, levasse vinte anos para expor nos Estados Unidos, depois da exposição feita no Museu de Arte Moderna, em 1949. Escreve: «Ele encontra os seus motivos não em suas próprias frustrações e recalcos, mas na história dos pobres e na angústia dos desafortunados. Mesmo à interpretação desses temas melancólicos, traz uma palheta de espantoso brilho e luminosidade, numa composição tão enganadoramente simples quanto osada. O livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis, anunciado há tempos e que foi postulado, agora, à venda, alvoroçou os meios literários brasileiros e agitou o ambiente intelectual. Agripino acusa o grande escritor, cuja obra estuda, nada menos do que de plágio. A tal respeito Luís Santa Cruz escreveu na sua Gazetilha Literária do Jornal do Comércio: «Os meios literários receberam o livro do ensaísta e antigo crítico literário de «O Jornal» como o impacto supérfluo e no primeiro momento, fulminante, destinado a abalar, por modo, o prestígio e a própria glória do autor da «Memórias Póstumas de Brás Cubas». Sem dúvida, Agripino Grieco, em seu novo livro, uma das suas obras mais sérias e bem escritas (e na qual não poderia andar ausente o seu delirioso senso de «humor» e nem as suas «boutades» e ironias literárias, das quais até os nossos dias é o mestre sem rival; Agripino Grieco não nega, até certo ponto, o valor da obra machadiana, porém levanta, pela primeira vez em nossas letras, sombras de dúvida bastante espessas sobre a sua originalidade e mesmo autenticidade, o que nem tão cedo se conseguiria, a ser o caso, desfazer. Os meios literários extra-acadêmicos apontam o livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis à própria Academia Brasileira de Letras, afirmando que a chamada «Casa de Machado de Assis» não poderá silenciar e nem deixar de vir a campo para defender o seu fundador cujo centenário de passagem se celebrará há poucos meses (em Outubro do ano passado), com tanta retercessão em todo o país». Gilberto Freyre escreveu directamente em inglês um livro «New World in the Tropics». The culture of Modern Brazil, edição de Knopf. A Saturday Review afirma que de livro foi arroufada a pesquisa e documentação da Casa Grande & Sanzala que vai completar 25 anos.